

Juan Carlos Galeano

Poeta e tradutor de poesia, nascido na Amazônia colombiana, é autor dos livros *Baraja inicial* e *El pollo sin cabeza*. É professor de poesia latino-americana da Florida State University.

Aprendizagem

Com os primeiros estrondos da guerra e buracos nas paredes, meus pais correram para a floresta.

Para me salvar me pintaram com as cores de uma arara e me deixaram vivendo entre os índios.

Meu irmão cresceu na cidade estudando a vida interior das pedras assoviando música clássica.

Quando me trouxeram de volta, meus pais liam os jornais e a casa brilhava nos espelhos.

De minha parte, eu era feliz olhando os informes meteorológicos.

Nuvens

Meu pai veio viver no Amazonas para ensinar as crianças a armar quebra-cabeças com as nuvens.

Para ajudá-lo, todas as tardes meu irmão e eu corremos atrás das nuvens desocupadas que lassam em cima.

As nuvens apareceram e desaparecem como se fossem pensamentos.

Perto de nossa casa muitos índios fazem fila para armar quebra-cabeças com as nuvens que lhes são mais familiares.

Aqui umas nuvens se parecem a árvores, e outras recordam os pirarucus.

Por ali os índios procuram uma nuvem para completar a cabeça de um tatu.

Com a água do rio e os jogos da cidade, lhes escreve meu pai a seus amigos, *nossos índios se divertem e aprendem a pensar*. A mim e a meu irmão, gostaríamos ainda mais que as nuvens se transformassem em merengues para comê-las com leite na hora do jantar.

Apagador

O homem que necessita espaço em sua mente para coisas de importância, todas as noites passa um apagador gigantesco pela frente.

Apaga muitos pensamentos de sua terra, e cada dia acorda com menos quilômetros quadrados de recordações.

Seus pais lhe dizem que apague com cuidado. Que não exagere e um dia acabará apagando todas.

O homem assegura que já tem prática, que ele só apaga as terras e as coisas que não são importantes.

E diz que sabe apagar as folhas e as árvores e deixar intactas as casas e as pessoas.

Mesa

A Luiz Moro

Muitas vezes a mesa sonha que já foi um animal.
Mas tivesse sido um animal não seria uma mesa.

Se tivesse sido um animal sairia correndo como os demais
quando chegaram as motosserras para levar as árvores
que iam ser mesas.

Em casa uma mulher vem todas as noites
e lhe passa um pano morno pela tampa como se fosse um animal.

Com suas quatro patas a mesa poderia ir-se da casa
mas pensa nas cadeiras que rodeiam e um animal não abandonaria
seus filhos.

Do que a mesa mais gosta é que a mulher lhe faça cócegas
quando recolhe as migalhas de pão que lhe deixam as crianças.